



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**JOZENILDA JOAQUIM DA SILVA**

**Caindo na toca do coelho: o prazer da leitura nas páginas de Alice  
no país das maravilhas de Lewis Carroll.**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

**JOZENILDA JOAQUIM DA SILVA**

**Caindo na toca do coelho: o prazer da leitura nas páginas de Alice  
no país das maravilhas de Lewis Carroll.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Jozenilda Joaquim da  
Caindo na toca do coelho [manuscrito] : o prazer da leitura nas páginas de Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll / Jozenilda Joaquim Da Silva. - 2015.  
36 p. : il.

Digitado.  
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.  
"Orientação: Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Letras".

1.Alice no País das Maravilhas. 2.Literatura infanto-juvenil.  
3.Leitura. I. Título.

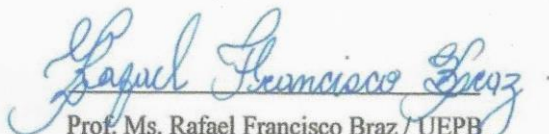
21. ed. CDD 028.5

JOSENILDA JOAQUIM DA SILVA

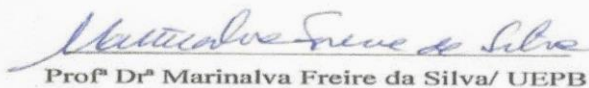
**Caindo na toca do coelho: o prazer da leitura nas páginas de  
Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

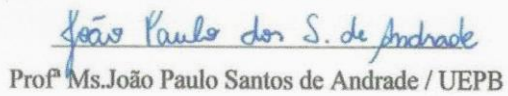
Aprovado em 28/ 02/ 2015.

  
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz / UEPB

Orientador

  
Prof. Dr. Marinalva Freire da Silva / UEPB

Examinadora

  
Prof. Ms. João Paulo Santos de Andrade / UEPB

Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso à Deus, que me amparou nos momentos mais difíceis. Amigo verdadeiro e fiel, o qual me deu força e sabedoria para caminhar durante esta jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigada Senhor!

Reconheço em todo o meu percurso a Tua mão grandiosa sobre minha vida, me encorajando a prosseguir. Obrigada pela vitória de mais uma jornada.

Agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente.

Ao meu orientador Prof. Rafael Francisco Braz, que se disponibilizou a orientar-me e incentivou-me a não desistir.

Aos colegas de curso com quem convivi e aprendi muito.

A todos muito obrigada!

*Comece pelo começo, siga até o fim e então pare.*

(Lewis Carroll).

## RESUMO

A preocupação na formação do sujeito a partir da literatura data desde a antiguidade grega, que colocava como leitura os poemas antigos, principalmente, os de Homero e Hesíodo, cuja tradição heróica encerrava um elevado conteúdo moral como, por exemplo, nas obras: *Ilíada* e *Odisséia*. Ambas, apresentam a essência do conhecimento humano daquela época. Uma mostra a concepção de mundo e do homem, ou seja, as crenças e a outra cataloga o mundo natural. No Brasil, a literatura destinada ao público infantil está relacionada à iniciativa de Carl Jansen e Figueiredo Pimentel e tempos depois à de Monteiro Lobato, que com suas obras, colocou a disposição das crianças os conhecimentos produzidos pela humanidade de forma criativa. Um exemplo disto é o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, que através da personagem, Dona Benta, remonta a contadora de história, muito comum em nossa cultura e vigente no momento de produção da literatura infantil. Nosso objetivo principal é Compreender a influência da literatura infanto-juvenil no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental tendo como base o *Conto Alice no País das Maravilhas* do escritor inglês Lewis Carroll. Para sustentar nossas reflexões, consideramos os pressupostos teóricos de especialistas como Zylberman (2005), Resende (1997), Paulo Freire (1990 e 2006), Braz e Silva (2012), dentre outros. A análise nos mostra que os professores não dispõem de um letramento profissional que possa legitimar suas falas e referenciar sua ação didática, ou seja, que mostre um discurso coerente com os objetivos. Este é um aspecto prejudicial à educação, uma vez que um ensino de qualidade perpassa pelo estudo sistemático dos professores e coesão teórica entre os docentes em exercício na unidade escolar.

**Palavras-chave:** Alice no País das Maravilhas; Literatura infanto-juvenil; Leitura.



## RÉSUMÉ

Le souci dans la formation du sujet de la date de la littérature de l'Antiquité grecque qui a placé que la lecture des poèmes anciens, en particulier ceux d'Homère et Hésiode, dont la tradition héroïque terminée un contenu moral élevé, par exemple, dans les œuvres Iliade et l'Odyssée. Tous les deux ont l'essence de la connaissance humaine de cette époque. En montrant la conception du monde et de l'homme, ce sont, les croyances et les autres catalogues du monde naturel. Au Brésil, la littérature destinée aux enfants est liée à l'initiative de Carl Jansen et Figueiredo Pimentel et les temps après la Monteiro Lobato, qui, avec ses œuvres, a mis à disposition les enfants les connaissances produites par l'humanité de façon créative. Un exemple de cela est le Sitio do Pica Pau Amarelo, qui à travers le personnage, Dona Benta, datant de conteur d'histoire, très commun dans notre culture et en vigueur au moment de la production de la littérature pour enfants. Notre objectif principal est de comprendre l'influence de la littérature pour enfants dans le développement de l'enseignement et de l'apprentissage dans l'enseignement primaire basé sur le conte Alice au pays des merveilles de Lewis Carroll écrivain anglais. Pour soutenir notre réflexion, nous considérons que les hypothèses théoriques d'experts que Zylberman (2005), Resende (1997), Paulo Freire (1990 et 2006), Bronze et Silva (2012). L'analyse montre que les enseignants ne ont pas une alphabétisation professionnelle qui peut légitimer leurs lignes et de référencer son action didactique, ce est à dire, qui montre un discours cohérent avec les objectifs. Ce est un aspect nocif pour l'éducation, depuis l'éducation de qualité passe par l'étude systématique des enseignants et la cohésion théorique parmi les enseignants en exercice dans les écoles.

**Mots-clés:** Alice au pays des merveilles; la littérature pour enfants; lecture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01 : Coelho Branco de Colete .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 02 : Alice na Lagoa de Lágrimas .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 03 : Alice conversa com a Lagarta Azul .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 04 : Alice na cozinha maluca .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 05 : A mesa do chá .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 06 : O jogo de croqué .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 07 : Alice e a Tartaruga Falsa .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 08 : A hora do julgamento .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 09 : Alice ao acordar do sonho .....</b>	<b>27</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Breve percurso.....</b>	<b>16</b>
<b>3 ENVEREDANDO O UNIVERSO DE LEWIS CARROLL.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 Caminhando no Enredo de Lewis Carroll .....</b>	<b>20</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
<b>5 LEITURA, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO ESCOLAR .....</b>	<b>29</b>
<b>5.1 O Uso da Literatura Infanto-Juvenil como Ferramenta para Desenvolver a Lecto-Escrita .....</b>	<b>30</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A preocupação na formação do sujeito a partir da literatura data desde a antiguidade grega, que colocava como leitura os poemas antigos, principalmente, os de Homero e Hesíodo, cuja tradição heróica encerrava um elevado conteúdo moral como, por exemplo, nas obras: *Ilíada* e *Odisséia*. Ambas, apresentam a essência do conhecimento humano daquela época. Uma mostra a concepção de mundo e do homem, ou seja, as crenças e a outra cataloga o mundo natural.

No Brasil, a literatura destinada ao público infantil está relacionada à iniciativa de Carl Jansen e Figueiredo Pimentel e tempos depois à de Monteiro Lobato, que com suas obras, colocou a disposição das crianças os conhecimentos produzidos pela humanidade de forma criativa. Um exemplo disto é o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, que através da personagem, Dona Benta, remonta a contadora de história, muito comum em nossa cultura e vigente no momento de produção da literatura infantil.

Esta iniciativa tem continuidade, hoje, com a política de incentivo à leitura, na qual o Ministério da Educação em ação junto às escolas dispõem de um acervo razoável. Este aspecto nos motivou a pesquisa aqui desenvolvida e norteada pelos seguintes objetivos:

Nosso objetivo principal é Compreender a influência da literatura infanto-juvenil no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental tendo como base o Conto *Alice no País das Maravilhas* do escritor inglês Lewis Carroll. No entanto, como objetivos específicos para melhor compreensão deste trabalho teremos que conhecer o processo histórico da literatura infanto-juvenil no Brasil e no mundo, assim, analisar o enredo da obra *Alice no País das Maravilhas* e as ideias expostas por Lewis Carroll por meio de tal conto e ressaltar a literatura infanto-juvenil como ferramenta pedagógica no âmbito escolar.

Sabemos que é, ainda, na infância que se formam os hábitos das crianças e é desde cedo que devemos estimulá-las através da literatura infanto-juvenil ao hábito da leitura, pois a mesma desenvolve a imaginação, a emoção e a criatividade, desenvolvendo desta forma o intelecto da mesma.

Atualmente, as escolas que contemplam o Ensino Fundamental têm se deparado com a grande dificuldade de aprendizagem que os alunos apresentam em relação à leitura e a escrita. Que recursos usar para solucionar ou amenizar tal problema? O uso da literatura infanto-juvenil como recurso pedagógico facilita o ensino da leitura/escrita? Como os professores utilizam este recurso no Ensino Fundamental?

Como sabemos, ler é uma das atividades das mais complexas, porém a escola insiste em partir da escrita e despreza um componente importante na compreensão da linguagem, que é a leitura. Qual então é o papel da escola na formação de bons leitores? Quais recursos são usados? A escola faz uso da literatura infanto-juvenil como ferramenta para desenvolver a leitura e a escrita?

Para os professores que ensinam a ler, é de fundamental importância que haja uma melhor preparação e que utilizem estratégias eficazes no manejo da classe, assim como, meios apropriados para individualizar o ensino. Precisamos utilizar uma gama de materiais de leitura para alcançar os eixos do ensino da Língua Portuguesa junto aos alunos; para que tais sujeitos obtenham os direitos de aprendizagem. Materiais esses que deem resultados e que possam ser utilizados com grandes grupos e também num trabalho individualizado, por exemplo, a literatura infanto-juvenil, assim, segundo Resende (1997):

Conversar sobre o que se ouve, se lê, se vê, se toca é importante e o encantamento com o livro pode crescer, como também pode ser maiores as descobertas em torno de uma história, a partir do encontro de vozes que convergem para uma mesma obra diferenciando-se opiniões, emoções, enfim, a leitura. Porém, deve ser admirável o silêncio como resposta. Às vezes, um debate, por exemplo, esquenta ideias, suscita desafios, dando ao professor, certa medida do envolvimento dos leitores com o que leram. Mas as reações variarão, e haverá indivíduos ou momentos que dispensarão explicações sobre o que foi lido. O ato da leitura, nesse caso supõe uma relação estreita e solitária do leitor com a obra. A linguagem poética é muito especial na sua finalidade, em termos de fruição. Há solicitação na interioridade que escuta, recolhe, tece emoções e imagens, às vezes vibra com o corpo todo e pode preferir permanecer silenciosa, tendo guardadas para si, as imagens que o texto despertou. (RESENDE, 1997: 20)

Sendo assim, não podemos ignorar as profundas transformações que a literatura infanto-juvenil pode proporcionar ao indivíduo em relação à leitura e a escrita. Nesse processo cabe ao professor facilitar a aprendizagem, favorecendo situações nas quais os alunos se sintam a vontade para expor suas opiniões, seus sentimentos, etc.

A criança aprende com a realidade, convivendo. “Se aprende a ler, lendo; se aprende a escrever, escrevendo”. E é partindo desse pressuposto que sugerimos o ensino da leitura e da escrita através da literatura infanto-juvenil para que o desenvolvimento cognitivo aconteça em crianças com dificuldades nessa área, pois supomos que seja um recurso didático pedagógico a mais para o professor do Ensino Fundamental. Acreditamos que desta forma o ato de ler se torne um prazer. Ainda nesta mesma linha de pensamento, Resende (1997) nos afirma que:

A palavra na literatura tem uso original e ambíguo, atualizando possibilidades significativas que abrem perspectivas de uso também criativo pelo autor. A

literatura fornece fantasias, desperta emoções e educa a percepção crítica, reativando modos de ver e de dizer a realidade. Ela alimenta planos interiores, e, em consequência, enriquece o imaginário, amadurece o raciocínio e burila a sensibilidade. O universo literário faz o leitor conhecer culturas diversas e reconhecer, com discernimento crítico, a cultura nacional, a história do seu país e comportamentos típicos da sociedade a qual ele pertence. Novas fontes de informações e de conhecimentos serão buscadas por causa do espírito especulador que a literatura desperta (RESENDE, 1997: 97)

Vemos, portanto, a importância que a aprendizagem da leitura trás ao indivíduo. Ao despertar para esse eixo de ensino da Língua Portuguesa, o aluno descobre o mundo, viaja sem sair do lugar, adquire conhecimentos diversos, desenvolve a personalidade e torna-se um cidadão reflexivo e crítico. No entanto, Resende (1997), reafirma em seu pensamento:

Ouvir histórias - sobretudo quando ainda não se ler a palavra - de livros ou a partir deles, inventadas pelos adultos ou adaptadas, alimenta a fantasia infantil. As crianças guardarão no seu imaginário as melhores imagens, que serão símbolos em repouso na memória, para interagirem com experiências futuras. (RESENDE, 1997:18)

De acordo com estas concepções, percebemos que a literatura infanto-juvenil desenvolve o mundo imaginário das crianças, fazendo com que elas possam criar e recriar as histórias lidas, levando-as a abrir-se para o mundo e progredindo na aquisição da leitura e da escrita, faz com que o sujeito conheça a beleza e a profundidade que existe na linguagem literária e, portanto, os processos de leitura e escrita estão relacionados entre si e podem perfeitamente ser ensinados simultaneamente.

Para sustentar nossas reflexões, consideramos os pressupostos teóricos de especialistas como: Zylberman (2005), Resende (1997), Paulo Freire (1990 e 2006), Braz e Silva (2012), dentre outros.

Para tanto, nosso trabalho está dividido da seguinte forma, para melhor compreensão do leitor:

O primeiro capítulo intitulado de *História da Literatura Infanto-Juvenil – Breve Percurso* fala sobre o desenvolvimento de tal gênero literário desde o seu surgimento no século XVII até os dias atuais. O segundo capítulo apresenta como título *Enveredando o Universo de Lewis Carroll*, tratando-se de um apanhado biográfico sobre a obra do autor. O terceiro capítulo, *O Universo de Alice no País das Maravilhas*, enfatiza a análise de tal livro e suas influências no processo de ensino e aprendizagem. E o quarto e último capítulo, *Leitura, Educação e Currículo Escolar*, apresenta uma discussão a respeito da literatura como

ferramenta pedagógica na prática da leitura, influenciando no desenvolvimento da Lecto-Escrita.

## 2. HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Breve percurso

A preocupação em formar sujeitos a partir da literatura infanto-juvenil, data desde a antiguidade, onde os contos ou histórias eram passadas de geração à geração; oralmente, através dos contadores de histórias. Assim, Braz e Silva (2012: 206) revelam que *“os contos de fadas existem há milênios. Em diversas culturas, em todos os continentes, existem histórias com estruturas e narrativas semelhantes aos contos que conhecemos hoje, e são de origem europeia”*.

Para os autores Braz e Silva (2012):

A origem da literatura infantil confunde-se com o registro escrito dos contos de fada (pois eles já existiam na cultura oral muito antes disso). Considerado por muitos o primeiro autor a escrever para crianças no século XVII o francês Charles Perrault foi o primeiro a coletar e a organizar contos de fada em um livro.

Perrault ouvia as histórias de contadores populares e as adaptava ao gosto da corte francesa, acrescentando ricos detalhes descritivos bem como diminuindo os trechos que conotavam os rituais da cultura pagã popular ou fizessem referências a sexualidade humana (pois vivia sob o contexto de conflito religioso entre católicos e protestantes da contra-reforma católica). (BRAZ & SILVA, 2012: 206-207).

Dando continuidade ao trabalho de Perrault, os irmãos Grimm, Braz e Silva (2012: 207), *“relatam que na Alemanha, no século XIX também fizeram coleta de contos populares. Como eram filólogos, seus objetivos ao coletar tais contos eram estudar a língua alemã e registrar seu folclore, para recuperar a realidade histórica do país”*.

Sobre isso, os autores ainda afirmam que:

Diferentemente de Perrault, os irmãos Grimm registraram suas histórias nas versões originais, surgindo aí a literatura infantil, onde vários autores no mundo inteiro começaram a escrever para crianças. Mais tarde com o advento da psicanálise, muitos estudiosos no mundo todo se interessaram não só por interpretações de sonho, mas por análises de mitos, lendas e contos de fada. Sendo assim, hoje podemos compreender a profunda riqueza simbólica e a utilidade dessas histórias as quais são parte importante do nosso patrimônio cultural. (BRAZ & SILVA, 2012: 207-208).

Desta forma, os contos ou histórias foram passando de geração à geração, burilando o imaginário de crianças e adultos. Todavia, hoje as formas pelas quais vivenciam-se tais contos ou histórias é que mudaram, sendo através da TV, de DVD's e/ou vídeos na internet, onde os livros são dificilmente usados.



Daí a importância de se trabalhar os contos ou histórias na escola, para que as crianças se desenvolvam intelectualmente e se tornem bons leitores e bons cidadãos. Assim, Braz e Silva (2012: 211) ressaltam que: “[...] ao ouvir contos, o psiquismo da criança se desenvolve. Primeiramente, porque ela tem o desafio intelectual de compreender uma narrativa tão rica, intrincada e bem tramada, como a dessas histórias, pedindo para ouvi-la várias vezes, até alcançar este objetivo”.

Para se chegar às fontes desses contos ou histórias houve muitas controvérsias entre os especialistas no assunto no mundo todo, chegando-se enfim, ao consenso que a fonte mais antiga da literatura popular é a oriental. Para dar sustentação a tal concepção, Coelho (1987) enfatiza que:

A partir do século XIX, quando se iniciam cientificamente os estudos de literatura folclórica e popular de cada nação, mil controvérsias são levantadas por filólogos, antropólogos, etnólogos, psicólogos e sociólogos que tentavam detectar as fontes ou os textos, matrizes desse caudal de literatura maravilhosa de produção anônima e coletiva.

Apesar das muitas controvérsias havidas, hoje é ponto pacífico, entre os orientalistas, que a fonte mais antiga da literatura popular maravilhosa, integrada no folclore de todas as nações do mundo ocidental, é a oriental. (COELHO, 1987: 16 – 17)

Dentro dessa perspectiva, Coelho (1987) destaca, também, que como tudo pode ser transformado e/ou substituído; com esse maravilhoso que nasceu com um profundo sentido de verdade humana também não foi diferente, através do francês Charles Perrault, que viveu no século XVII, deu-se início a essa transformação de forma concreta, sendo “esvaziado de seu verdadeiro significado e, como simples ‘envoltório’ colorido e estranho, transformou-se nos contos infantis”. (COELHO, 1987: 65 )

Em relação aos escritos de Perrault, Coelho (1987) afirma que quando atraído pelos relatos maravilhosos; histórias guardadas pela memória do povo, Perrault dispõe-se a redescobri-los. Sem imaginar que ficaria marcado pela história, Perrault cria o primeiro núcleo de literatura infantil ocidental: Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades.

Dando continuidade a tal discussão, Coelho (1987), ressalta que:

Parece evidente que, com a redescoberta dessa literatura popular, autenticamente francesa e portanto, moderna, Perrault pretendia provar a identidade de valores entre a criação dos novos povos e a produção dos antigos (gregos e romanos) tidos como modelos superiores pela cultura oficial”. (COELHO, 1987: 66).

Partindo desse ponto, Perrault passa a dedicar-se a essa redescoberta com dois objetivos, sendo provar a equivalência de valores e a divertir as crianças, orientando-as na sua formação moral. Para isto, publicando os oito contos da Mãe Gansa: A Bela Adormecida do Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar, hoje conhecidos como clássicos da literatura infantil, os quais com o passar do tempo foram perdendo seus significados originais.

Com o nascimento da literatura infantil, surge a importância da Pedagogia como uma possibilidade de adequar o literário às fases do raciocínio das crianças, já que as mesmas aprendem concretamente. Sobre isso, PALO (1985), afirma que:

Colocar a arte literária nesse contexto implica, por sua vez, vê-la como uma atividade complexa e, por isso, não natural ao universo da infância. Traduzi-la, para esse nível significa facilitá-la, criar estratégias para concretizar, ao nível da compreensão infantil, um alto repertório, como o estético. É aí, que entra a Pedagogia, como meio de adequar o literário às fases do raciocínio infantil, e o livro, como mais um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejados na vida prática com base na verossimilhança que os vincula. O literário reduz a simples meio para atingir uma finalidade educativa extrínseca ao texto propriamente dito reafirmando um conceito já do século XVIII, de A. C. Baumgartner de que 'literatura infantil é primeiramente um problema pedagógico, e não literário'. (PALO, 1985: 6-7)

Sendo assim, PALO (1985), destaca que a criança já é preparada para aprender através da motivação. Vendo-a deste modo, uma literatura torna-a capaz de desenvolver seu próprio aprendizado. A criança é o que é, na especificidade de sua linguagem que privilegia o lado espontâneo, intuitivo e concreto da natureza humana.

Ainda nessa perspectiva, PALO (1985), revela que:

Desde os primórdios, a literatura infantil surge como uma forma literária menor, atrelada a função literária-pedagógica que a faz ser mais pedagógica do que literária. Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de Linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos linguísticos. (PALO, 1985:09)

Para PALO (1985:14), *“privilegiar o uso poético da informação é também por em uso uma nova forma de pedagogia que mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto. [...] A arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado”*.

Sobre a literatura infanto-juvenil no Brasil, Zylberman (2005) enfatiza que o aparecimento dos primeiros livros para crianças no país estão ligados ao processo de mudança

do regime político no final do século XIX. Onde, os pioneiros escritores brasileiros para o público infantil foram: O alemão Carl Jansen (1823 ou 1829-1889), o qual se mudou ainda jovem para o Brasil, e o brasileiro Figueiredo Pimentel (1869-1914). Para Zylberman (2005: 19), *“o sucessor desse núcleo original foi aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou: Monteiro Lobato”*.

### 3. ENVEREDANDO O UNIVERSO DE LEWIS CARROLL

Lewis Carroll (1832 – 1898) foi escritor e matemático inglês. É o autor do livro “Alice no País das Maravilhas”. Foi um dos precursores da poesia de vanguarda.

Lewis Carroll ( 1832 – 1898 ) nasceu em Daresbury, Inglaterra, no dia 27 de Janeiro de 1832. Filho de um clérigo da província, nasceu no presbitério de Daresbury. Estudou no Christ College, em Oxford, recebendo o diploma de matemático em 1845. Permaneceu em Oxford até 1881, trabalhando como professor e conferencista.

Em 1951, passou a dedicar-se a desenhar e fotografar crianças. Passava a maior parte de suas horas livres em companhia das crianças das famílias MacDonald e Lidell. Inventava longas histórias. Em 1862, ao passear de barco com as meninas Alice, Edite e Lorina, da família Lidell, começou a criar a história “Alice no País das maravilhas”, publicada em 1865. Em seguida escreveu “Alice Através do Espelho”, publicada em 1872, onde o tema é uma partida de xadrez e os personagens são as peças do jogo.

Lewis Carroll publicou também “Um Programa para um plano de Geometria Aplicada”, “Euclides e seus rivais Modernos” e “Matemática Curiosa”, todos com seu nome verdadeiro. Sob o pseudônimo, pelo qual ficou conhecido, publicou “Dinâmica de uma partícula”, “Parques Desertos” e “Belfry”. Escreveu as poesias “O Caçador de Serpentes” e “Fantasmagoria”, onde introduziu uma forma original de verso: utilizava o sobrenatural e o absurdo, como temas, estilo que foi imortalizado na “Canção do Jardineiro Maluco”.

Foi o livro “Alice no País das Maravilhas”, que o consagrou. Ao criar os personagens, baseou-se em pessoas da sociedade e da aristocracia. Há quem afirma que a rainha do País das Maravilhas, era a Rainha Vitória.

Lewis Carroll ( *Charles Lut Widge Dodgson* ) faleceu em Guildford, Inglaterra, no dia 14 de Janeiro de 1898.

#### 3.1 Caminhando no Enredo de Lewis Carroll

O livro narra a história de uma menina chamada Alice que cai numa toca de coelho que a transporta para um lugar fantástico, povoado por criaturas peculiares. Revelando uma característica dos sonhos.

Alice vê o Coelho Branco de colete, carregando um relógio de bolso. Surpreendida, segue-o até à toca do coelho e cai nela. Após uma aterrissagem, Alice vê uma pequena mesa e em cima dela havia uma pequena chave dourada. A procura de fechaduras correspondentes,

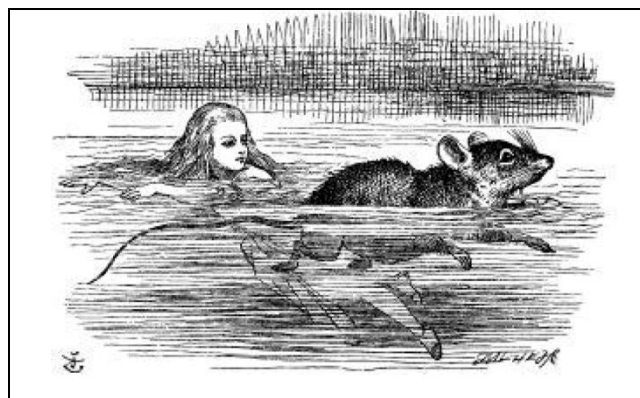
descobre, atrás de uma cortina, a pequena porta e através desta, Alice vê maravilhada um lindo jardim.

No entanto, a porta é muito pequena para ela conseguir entrar. Mas devido a uma pequena garrafa com uma etiqueta BEBA-ME, Alice diminui de tamanho ao bebê-la. Infelizmente, esquece-se da chave que entretanto tinha posto em cima da mesa e agora não consegue alcançá-la.



**FIGURA 01 : Coelho Branco de Colete**

Como resultado de comer o bolo, Alice cresce até atingir 2,5 metros de altura. Triste por não conseguir entrar no jardim, chora tanto que cria um lago de lágrimas.



**FIGURA 02 : Alice na Lagoa de Lágrimas**

Durante a conversa com a Lagarta Azul, Alice admite a sua crise de identidade causada pelas constantes transformações no tamanho.



**FIGURA 03 : Alice conversa com a Largata Azul**

Um peixe-lacaio entrega a um sapo-lacaio um convite para a Duquesa da casa. Alice observa esta operação curiosa e, após uma conversa com o sapo que a deixa perplexa, atreve-se a entrar na casa. Depara-se com a cozinheira da Duquesa a atirar pratos e frigideiras contra esta e a fazer uma sopa simultaneamente, mas utiliza tanta pimenta nela que todos na divisão – a Duquesa, o bebê e a própria Alice – espirram violentamente, com a exceção da cozinheira e do gato de *cheshire*.

Irritada com o bebê que não parava de berrar e chorar, a Duquesa atira-o para os braços de Alice e parte para ir jogar críquete com a Rainha. Indignada com a violência que acaba de presenciar, Alice leva o bebê consigo para o bosque, mas para sua surpresa o pequeno transforma-se num porco, abandonando-a nesse mesmo instante.

Por fim, encontra o gato de *cheshire* e pergunta-lhe o que tem que fazer para entrar naquele lindo jardim que havia detrás da pequena porta inicial e, não obtendo uma resposta concreta, questiona a existência de criaturas que não sejam loucas no lugar onde se encontram.

O Gato *cheshire* responde-lhe que todos são loucos, inclusive o próprio e Alice, acabando por lhe indicar a hipótese de visitar o chapeleiro Louco ou a Lebre de Março e

desaparece lentamente deixando apenas o seu sorriso. Após ter escolhido a última na esperança de se não tratar de uma criatura louca, apesar de ter ouvido o que o gato disse, parte imediatamente.



**FIGURA 04 : Alice na cozinha louca**

Alice faz-se de convidada numa festa de chá louca, onde estão presentes o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março e o Arganzaz que permanece adormecido durante uma grande parte da festa. Todos eles desafiam Alice com enigmas lógicos, porém, estes revelam uma incoerência nas suas declarações. O Chapeleiro Maluco revela que está perpetuamente destinado a beber chá porque o tempo puni-o em vingança, parando o tempo às 6 da tarde, a hora do chá.

Alice sente-se insultada e cansada de ser bombardeada com tantos enigmas. Alice sai imediatamente, afirmando que esta era a festa mais estúpida de chá em que tinha ido. Entretanto encontra uma porta num tronco de uma árvore e entra, voltando novamente para o átrio inicial. Desta vez, abre primeiro a pequena porta, depois come um pedaço do cogumelo que estava guardado no bolso e por fim entra apressadamente no tão desejado jardim.



**FIGURA 05 : A mesa do chá**

No jardim, vê três cartas de um baralho a discutirem entre si enquanto pintam rosas vermelhas, dado que a Rainha de copas odeia rosas brancas. Mas são interrompidas por uma procissão de cartões, onde estão presentes os reis, as rainhas e até mesmo o Coelho Branco. Alice conhece então o Rei e a Rainha de copas, revelando que a Rainha é uma figura difícil de agradar, ao introduzir sua deixa de marca. Cortem-lhe a cabeça! Que expressa à menor insatisfação.

Entretanto é convidada (ou ordenada) para jogar uma partida de críquete com a Rainha e o resto dos seus súditos. Porém, rapidamente instala-se o caos durante o jogo. São utilizados flamingos vivos como marretas, ouriços como bolas e cartas vivas como balizas. Na confusão Alice vê, para seu agrado, o Gato de *Cheshire*. Em seguida, a Rainha de Copas ordena que o capataz cumpra a ordem, porém o mesmo recusa-se a cumpri-la, pois só aparece a cabeça do gato no campo, alegando que está velho para começar a cortar cabeças sem corpo. Devido à Duquesa, a Rainha solicita a liberação do gato da prisão para resolver a questão.





**FIGURA 06 : O jogo de croqué**

Quando a Duquesa aparece no campo, vai ao encontro de Alice com uma grande simpatia, e durante uma conversa admite a sua pretensão para encontrar uma moral em tudo ao seu redor, mesmo que não faça relação ou sentido. A rainha de copas despede-se dela sobre a ameaça de execução e apresenta Alice ao grifo, sob o pretexto de a levar apresentar à Tartaruga Fingida. Quando a encontraram, ela demonstra-se muito triste, mesmo que não tenha motivos para sentir tristeza.

A Tartaruga conta a sua história onde tenta justificar o seu estado depressivo, narrando com nostalgia o tempo em que vivia no mar, em que era uma verdadeira tartaruga, mas o grifo interrompe-a de modo a poderem começar um jogo.

A Falsa Tartaruga e o Grifo dançam a contradança das Lagostas, e depois Alice recita embora incorretamente, o poema Disse o preguiçoso. A Falsa Tartaruga canta por fim a sopa de tartaruga, durante a qual o grifo arrasta Alice para longe, de modo a irem assistir a um julgamento que estava prestes a dar início.



**FIGURA 07 : Alice e a Tartaruga falsa**

O Valete de Copas é levado a julgamento, acusado de roubar as tortas da Rainha. No jurado há doze animais, incluindo o lagarto Bill, o juiz é o rei de Copas, e o cargo de oficial de diligências é desempenhado pelo Coelho Branco. A primeira testemunha é o chapeleiro Louco, que não ajuda no processo, mas antes torna o Rei impaciente. A segunda testemunha é a cozinheira da Duquesa, e a outra testemunha é a própria Alice, que desde o início do julgamento começou a crescer novamente.



**FIGURA 08 : A hora do julgamento**

Alice derruba acidentalmente os jurados e à ordem do Rei, os animais terão de ser colocados de volta aos seus lugares antes do julgamento continuar . Depois o Rei cita um artigo do seu caderno (Todas as pessoas , mais de uma milha de altura devem deixar o órgão), mas Alice contesta a validade da restrição e recusa-se a sair. É provocada assim uma discussão de Alice com o Rei e com a Rainha de copas, enfatizando as atitudes ridículas cometidas durante todo julgamento.

A Rainha ordena, tipicamente, cortem-lhe a cabeça! Mas Alice não tem medo, por ser agora muito alta, confrontando-a com o fato de serem apenas um baralho de cartas e em seguida todos revoltam-se e atacam-na. Mas de repente a irmã de Alice faz-lhe acordar para ir tomar um chá, tirando do seu rosto folhas que caíram e não uma chuva de cartas de jogar. Alice conta tudo o que sonhou e retorna à casa, deixando a irmã, que ficou a sonhar o sonho de infância das Maravilhas de Alice.



**FIGURA 09: Alice ao acordar do sonho**

Após todo o ocorrido, Alice é acordada pela sua irmã e, ao perceber que sua aventura se tratava de um sonho, compartilhou o mesmo com ela, a qual, diante de tanto entusiasmo, refletiu sobre o que Alice falava e passou a imaginar, criando assim, seu próprio sonho, mesmo que acordada.

#### **4. METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida neste trabalho acadêmico é de caráter qualitativo e analítico, constando dos seguintes procedimentos metodológicos:

Inicialmente foi realizada uma revisão teórica-conceitual relacionada a um breve histórico da literatura infanto-juvenil no Brasil e no Mundo, posteriormente, um levantamento bibliográfico sobre o autor Lewis Carroll e sua obra Alice no País das Maravilhas.

A pesquisa buscou através de um levantamento bibliográfico os saberes da literatura, para formar um corpo de conhecimentos que sustentará reflexões a respeito do assunto em questão.

Por fim, foi realizada a análise dos resultados obtidos com base teórica construída ao longo da pesquisa bibliográfica.

## 5. LEITURA, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO ESCOLAR

Nas proposições da Paulo Freire, a educação não é uma doação ou imposição, mas uma devolução dos conteúdos coletados na própria sociedade, que depois de sistematizados e organizados são devolvidos aos indivíduos na busca de uma construção de consciências críticas frente ao mundo. Desta forma, o indivíduo se educa convivendo, passo a passo, com as experiências, vendo, refletindo, construindo.

Morais e Albuquerque (2004) realçam que as práticas de leitura e escrita vivenciadas em situações informais, são inúmeras e geram motivação e oportunidade de reflexão em torno dos diferentes textos que circulam em nossa sociedade. Informalmente, as crianças vão descobrindo características sobre seus estilos, usos e finalidades. Assim, sendo, podemos constatar que, a educação é um processo de desenvolvimento da personalidade, ela abrange a vida como um todo. Fazemos educação em casa, no trabalho, na rua, nas diversões e em outros espaços da sociedade. Portanto não se faz educação apenas na escola; mas é lá o lugar ideal para a circulação do saber científico e sistematizado.

Na perspectiva da educação tradicional, o professor era visto como o dono do saber, centro do processo ensino-aprendizagem. De acordo com essa escola, o aluno é educado para atingir sua plena realização através do seu próprio esforço. Sendo assim, as diferenças de classe social não são consideradas e toda a prática escolar não tem nenhuma relação com o cotidiano do aluno.

O professor ensinava e o aluno aprendia. Hoje, as tendências chamadas progressistas valorizam o texto produzido pelo aluno, a partir do seu conhecimento de mundo. O professor é chamado educador, pois, em sala de aula, deve haver uma troca de experiências. Concordando com o pensamento da concepção sócio-histórica de Vygotsky, o professor é o mediador do conhecimento, e passa a ser um facilitador da aprendizagem, pois, o aluno constrói o seu próprio conhecimento.

A educação na contemporaneidade pode e deve agregar valores humanos capazes de formar cidadãos ao invés de preocupar-se apenas com a formação de intelectuais, uma vez que vivemos em uma sociedade democrática. Pensar numa educação formadora de sujeitos capazes de conviver em uma sociedade democrática implica contextualizar a educação na territorialidade para que ele possa fazer uma leitura crítica da sociedade partindo dos problemas locais para os nacionais e, enfim, os problemas mundiais.

Uma educação contextualizada apresenta um currículo que acolhe os alunos e representa-os em seus saberes, suas ações e suas formas de pensar. A este aspecto Ferrazo

(2006:10) ressalta que pensar os currículos de uma escola, pressupõe, então viver seu cotidiano, que inclui, além do que é tradicionalmente estudado, toda dinâmica das relações estabelecidas.”

O currículo assim, apresenta duas dimensões, aqui, denominadas explícitas que contem as prescrições a serem desenvolvidas no ano letivo e implícita que compõe-se das relações intersubjetivas entre sujeitos sociais que habitam no recinto escolar. Ainda em relação ao currículo, Cesar Cool (Revista NOVA ESCOLA, jan/fev-2008:32) afirma que este “é um instrumento que deve levar em conta as diversas possibilidades de aprendizagem não só no que concerne a seleção de notas e conteúdos, mas também na maneira de planejar as atividades”. Já para, Elvira Sousa Lima (Revista NOVA ESCOLA, jan/fev- 2008:32) “são orientações que devem ser vistas como uma bússola que norteia os passos da educação do país, de cada rede de ensino e de cada professor”.

A partir das considerações dos estudiosos, percebemos a importância da organização do currículo escolar considerando a territorialidade que, assim, a escola representa simbolicamente, isto é, como as pessoas pensam e como analisam o mundo.

### **5.1 O Uso da Literatura Infanto-Juvenil como Ferramenta para Desenvolver a Lecto-Escrita**

Considerando, aqui, literatura as produções escritas que circulam na sociedade e como apresentam uma função estética resultante das atividades artísticas dos escritores que veem o mundo, representando-o de maneira transfigurada. Sobre a obra literária Marisa Lajolo (s/d:95) a concebe como uma atividade artística que continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. Logo, constitui um objeto social.

A literatura como podemos entender nas colocações da autora, é o pensamento humano representando por meio de personagens que representam no espaço da obra, as convenções sociais que regem, no mundo cotidiano, os atores sociais de uma época e que habitam em um espaço geográfico. A literatura, assim, presta-se a ferramenta didática visto que se trata da codificação ou representação do pensamento humano e para as crianças, é um excelente recurso de ensino/aprendizagem. A este respeito, Cademartori (2006,p.66) mostra que:

A literatura tem um papel no desenvolvimento linguístico e intelectual do homem e, desse modo, articula-se com interesses que a escola propala como seus. Cabe à tentativa de explicitar qual poderia ser a

relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade.  
(Cademartori, 2006:66)

As pessoas são seres sociais destinadas a crescerem e se desenvolverem na sociedade em que estão inseridas. É através da educação que ocorre o desenvolvimento do pensamento do sujeito, pois garante as condições de coesão, de renovação e da própria sobrevivência na sociedade. É papel da escola, oferecer condições favoráveis a esse fim, sendo o professor a figura principal, pois, o mesmo é o mediador da aprendizagem.

O aluno que tem dificuldade em ler e escrever não deve ser tratado como “sem capacidade”, pois, de acordo com Moura (2008), o aluno, independente de suas limitações, sejam elas físicas, psicológicas ou socioeconômicas, pode desenvolver a aprendizagem a partir de estratégias adotadas pelo professor, as quais suprem tais dificuldades. Pois de acordo com o pensamento de Gardem (2006) cada indivíduo possui habilidades particulares de si mesmo, que favorecem o aprendizado do âmbito social e intelectual.

Sabemos que aprender a ler e escrever são processos interligados; todavia muito complexos. Os autores como Soares (2004) e Morais (2005) têm apontado que a ênfase predominante em torno do conceito de alfabetização nas décadas finais do século passado volta-se para uma compreensão da mesma como processo que envolve atividades de codificação e decodificação da escrita. Relatos autobiográficos diversos têm revelado, confirmando esta perspectiva, o quanto era penoso e massacrante para uma criança descobrir o que estava escrito nas páginas de uma cartilha ou de um livro qualquer.

Para tais crianças eram passadas atividades que tinham por base a repetição e memorização, as quais eram (na área de linguagem), selecionadas a partir das letras e em seguida de sílabas, palavras e frases soltas e com ameaças dos castigos, quase sempre os físicos, se “errassem”. Devemos lembrar, também, que as atividades propostas não tinham nada a ver com a realidade dos alunos.

Dentre os vários estudos que romperam com a concepção de língua escrita como código, para uma concepção da mesma como sistema de notação alfabética podemos destacar os de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1936), os quais trouxeram avanços significativos para o fazer pedagógico. Diante do exposto, não podemos ter sucesso em alfabetizar através do trabalho com textos artificiais.

Literatura e Educação desde a antiguidade estão interligadas. Um exemplo disto é a Paideia na Grécia Antiga que era o ensinamento das crianças gregas. Nesta, utilizava-se a leitura das obras de Homero, a exemplo de A Ilíada e a Odisseia. A primeira trata da crença do povo e a segunda se constitui de um conhecimento do mundo cartografado pelo viajante

mitológico Ulisses e seu filho Telêmaco. Tais leituras eram feitas, objetivando-se passar o conhecimento do mundo natural e sócio-cultural.

A educação nesta perspectiva tem a literatura como eixo norteador do ensino, visto que é a partir das obras literárias que buscamos discutir os conhecimentos delimitados pelo currículo escolar.

A história nos revela que antes da invenção da imprensa, o privilégio de leitura era de poucos, se restringindo a uma elite culta, mas com o desenvolvimento econômico e tecnológico surge a necessidade da colaboração intelectual da maioria das pessoas, promovendo assim, o direito de ler para todos os sujeitos. A leitura é uma forma de aprendizagem, e um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

Segundo Bamberg (1975) a literatura retrata hábitos educacionais de geração em geração. Isso significa que através da leitura, o sujeito adquire opções para educar-se, desenvolve a linguagem e o intelecto, amplia as possibilidades de realizar-se como pessoa, visto que vivemos numa sociedade grafocêntrica, na qual os textos circulam, nos mais diversos suportes, o que difere de outros momentos em que a escola era a única agência de letramento.

Segundo Kleiman (2008), é comum afirmar-se que a criança não gosta de ler e não compreende o que lê. Culpamos os interesses e hábitos diferentes das crianças, mas poucas vezes questionamos o papel do modelo de aprendizagem ao qual aderimos enquanto contribuidores dessas insuficiências.

Treinamos a criança desde os primeiros momentos da alfabetização na associação mecanicista de sons com letras, sílabas, palavras e frases simples, aguardando o momento em que ele dará um passo na direção da compreensão de unidades maiores do que sentença. Consideramos esse passo, portanto, como um aumento quantitativo da capacidade de leitura da criança, ignorando as diferenças qualitativas que existem entre a decodificação e compreensão.

Atualmente, o MEC oferece cursos e mais cursos de formação continuada para professores, dispõe material didático específico para alfabetizar letrando e, no entanto, os resultados dos exames (Provinha Brasil, ANA, IDEB), são angustiantes. Quem não está fazendo a sua parte? Onde está o erro?

Para Bamberg (1975) a habilidade de ler perfeitamente não está na capacidade bem treinada de combinar sons em palavras e palavras em unidades de pensamento, mas no reconhecimento imediato de grupos armazenados de palavras. Desta forma, cabe ao educador



priorizar o hábito de leitura em sala de aula e oportunizar as crianças a esse hábito, pois, quem lê, aprimora seus conhecimentos, desenvolve-se pessoal e socialmente, enfim, contribui com o meio onde está inserido.

Mais uma vez citando Freire (1990), a alfabetização não pode ser reduzida ao mero lidar com letras e palavras, como uma esfera puramente mecânica. O educador precisa ir além dessa compreensão rígida da alfabetização e começar a encará-la como a relação entre educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo que tem lugar precisamente no ambiente em que se move o alunado.

Devemos ser mediadores da aprendizagem, pois, a aquisição da leitura e da escrita introduz o indivíduo no meio social. Já que a leitura é entendida como compreensão do mundo e a escrita como registro dessa compreensão, como tal, uma tecnologia a ser adquirida pela criança.

Tudo isso nos conduz na percepção de que a literatura infantil desenvolve o imaginário, faz com que o indivíduo crie e recrie as histórias, que tenha abertura para o mundo, que progrida na aquisição da leitura e da escrita, que existem na linguagem literária.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de fazer de conta é uma das características mais relevantes da infância, pois está, diretamente, ligada ao desenvolvimento intelectual e físico dos pequenos. (Nova Escola - abril/2010:51). Daí a importância de se trabalhar com as crianças e os contos ou histórias infantis.

A literatura infanto-juvenil tem início no século XVII com a obra de Lewis Carroll, onde, histórias como “Alice no País das Maravilhas” empolgam crianças, pois, apresenta um mundo mágico próximo da realidade imaginária das mesmas, tal aproximação acaba facilitando e estimulando o prazer pela leitura. Já a literatura infanto-juvenil no Brasil teve seu início pela ação educativa de Carl Jansen e Figueiredo Pimentel, como também, de Monteiro Lobato que ao fazer mestrado nos Estados Unidos, trouxe para o nosso país uma excelente contribuição.

Para a educação brasileira foi novidade, mas na Grécia antiga, as obras de Homero eram leituras já feitas pelos iniciantes. Nestas estavam contida a essência do conhecimento humano daquela época. Na Ilíada, a crença do povo e na Odisséia a descrição da terra e dos astros que eram objetos de estudo dos físicos (geógrafos de hoje).

Reconhecemos a importância dos programas de incentivo à leitura, promovidos pelo Ministério da Educação. Graças a esta iniciativa, as escolas disponibilizam de um acervo razoável. Mas é preciso lutar em prol de um país composto por leitores. Esta é uma ótima iniciativa que disponibiliza os clássicos em uma versão adaptada de modo que facilite a compreensão. Porém é preciso investimento na Formação de Professores que, sem um conhecimento da literatura profissional, tornam-se leitores apenas de livros didáticos; aspecto que os tornam leigos, visto que seus discursos não são legitimados pela academia e suas práticas não estão embasadas em objetivos concernentes com os estudos atuais e o ensino/aprendizagem embasado na leitura constrói sujeitos competentes não apenas no aspecto científico mais na formação ética que é o eixo organizador da sociedade.

Os resultados da pesquisa mostraram que os professores não dispõem de um letramento profissional que possa legitimar suas falas e referenciar sua ação didática, ou seja, que mostre um discurso coerente com os objetivos. Este é um aspecto prejudicial à educação, uma vez que um ensino de qualidade perpassa pelo estudo sistemático dos professores e coesão teórica entre os docentes em exercício na unidade escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura** - São Paulo, Ática, 1975.
- BRAZ, Rafael Francisco; SILVA, Marinalva Freire da. *(En) cantando com magia, sedução as aulas de língua estrangeira com o imaginário dos contos de fada*. In.: **Um olhar sobre a Pedagogia Moderna** / Marinalva Freire da Silva (org) \_ João Pessoa: Sal da Terra, 2012.
- CARROL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá/ Lewis Carroll; inclui ilustrações originais de John Tenniel: tradução Maria Luiza X. deA. Borges.*- Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Editora Ática. 1987.
- COLL, César. *O Currículo do Ens. Fund. no despertar do século XXI*. In.: **Revista Pátio: Currículo - Que pessoas queremos formar ?** Fev/Abril 2006 nº 37 Ano X.
- COLL, César. *O norte para a aprendizagem*. In.: **Revista Nova Escola: Currículo** Jan/Fev 2008 nº 209 Ano XXIII.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Possibilidades para entender o currículo escolar*. In.: **Revista Pátio: Currículo - Que pessoas queremos formar ?** Fev/Abril 2006 nº 37 Ano X.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** - São Paulo, Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo; Macedo Donald. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra** - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- KLEIMAN, Angela B. *Letramento e Formação do Professor: Quais Práticas e Exigências no Local de Trabalho?* IN: (org) **A Formação do Professor: Perspectivas da Linguística Aplicada**. Campinas - São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- LIMA, Elvira Souza. *O norte para a aprendizagem*. In.: **Revista Nova Escola: Currículo** Jan/Fev 2008 nº 209 Ano XXIII.
- MARTINS, Ana Rita. *Um dia cheio de aprendizagens* .In: **Revista Nova Escola: É hora de imaginar**. Abril/2010 nº231 Ano XXV.
- PALO, Maria José. *Literatura Infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1985.
- RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil: Vivências de Leitura e Expressão Criadora**. São Paulo, Saraiva, 1997.
- ZYLBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira** / Regina Zylberman – Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

### Sites usados

-[http://www.e-biografias.net/lewis\\_carroll/](http://www.e-biografias.net/lewis_carroll/). Acesso em 10-01-2015.

-<http://www.Educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/Paidéia/conceito> de Paidéia.htm.Acesso em 10-01-2015.

-[http://pt.Wikipedia.Org/Wiki/Alice\\_no\\_Pa%25c%Ads\\_das\\_Maravilhas](http://pt.Wikipedia.Org/Wiki/Alice_no_Pa%25c%Ads_das_Maravilhas).Acesso em 13-01-2015.